



Em série de fotos, auto-retratos em diversas poses, destacando-se o que estamos chamando de bastão, e uma sugestiva onde esconde com um chapéu seu órgão sexual. THEODOROS, SCULPTOR: IN LIEU OF A RETROSPECTIVE - EMST (em 3 de março de 2025)

RESUMO: Este texto propõe, a partir da visita a uma mostra do artista grego contemporâneo Theodoros e da análise de um pequeno recorte de seu trabalho, uma reflexão sobre o quão descuidados (incoerentes? hipócritas? superficiais?) somos, quando aplicamos aos novos tempos os velhos costumes. Esta exposição está em cartaz no Museu Nacional de Arte Contemporânea da Grécia, de fevereiro de 2025 a fevereiro de 2026, em Atenas.

PALAVRAS-CHAVE: Theodoros; arte grega contemporânea; mostras de arte na contemporaneidade; coerência entre forma e conteúdo.

ABSTRACT: This text proposes, based on a visit to an exhibition by the contemporary Greek artist Theodoros and the analysis of a small selection of his work, a reflection on how careless (incoherent? hypocritical? superficial?) we are when we apply old customs to new times. This exhibition is on display at the National Museum of Contemporary Art of Greece, from February 2005 to February 2006, in Athens.

KEYWORDS: Contemporary Greek art; contemporary art exhibitions; coherence between form and content.

EXPOSIÇÃO

UMA REFLEXÃO: “AINDA SOMOS OS MESMOS?”

SANDRA RAMALHO E OLIVEIRA - ABCA/SC

Tomo como título parte de um verso da letra da canção de Belchior que Elis Regina popularizou, pois ela, a música, não me saiu da cabeça desde que visitei, em 1º de março, o EMST (sigla do nome do museu mundialmente conhecido como National Museum of Contemporary Art Athens, dada a dificuldade de compreensão da grafia no idioma grego ou mesmo de sua tradução literal para a grafia latina): “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais?”.

Depois de visitar todos os andares, com mostras individuais e coletivas - e lamentando pouco desfrutar dos vídeos, em grego e quase todos não legendados -, voltei para uma “repescagem”, pois, como sabemos, em arte sempre se tem alguma coisa a mais para observar e fazer pensar, ao ver ou ao acionar também outros sentidos propostos pelos trabalhos, mormente quando se trata de arte contemporânea. Exceto pelos vídeos, todas as demais propostas tinham textos de parede e etiquetas em grego e inglês.

No retorno, me demoro na exposição que, a julgar pelo espaço que ocupava, seria a mais importante das

mostras da temporada. Tratava-se de *The Theodoros, sculptor - In Lieu of a Retrospective*. Logo na entrada, à direita, havia o grande texto de parede apresentando a mostra. Observei uma outra parede contendo vários pequenos textos, em páginas brancas, tanto que não me atraíram inicialmente, pois embora tenha um razoável conhecimento de inglês - senão não teria sobrevivido dois meses na Grécia - não sou suficientemente fluente para me atrever a ler longos textos digitados (ou seriam datilografados?), em letra miúda.

Entre os objetos de pesquisa e expressão artística de Theodoros apresentados na mostra em questão, destacava-se um elemento fálico, semelhante a um taco de beisebol, elaborado com diversos materiais, dimensões e modos de apresentação, com a participação de outros elementos, cordas, tintas, plástico, entre outros. Seria apenas uma alusão ao órgão masculino? Ou teria ele um significado simbólico mais explícito? Seria algo específico da cultura grega? Fui pesquisar. Usando várias palavras de entrada e me focando

apenas em imagens, encontrei desde o nariz do Pinóquio, a Torre Eiffel, incontáveis obras de arte, é claro, até os monumentos megalíticos de Göreme, na Capadócia, mas nada do falo de Theodoros. Continuarei a pesquisa oportunamente, deixando-a por hora para os freudianos. Isto porque não foi o mais inusitado que aprendi naquela experiência.

Um dos trabalhos expostos, sempre lembrando que ele foi um escultor, era um autorretrato em tamanho natural: nu, segurando um chapéu que encobria seu órgão sexual, com a mão esquerda, ao passo que na mão direita segurava seu bastão. Sua pose altiva, cabelos despenteados e seu corpo apolíneo aludiam à escultura de um deus grego. Mas a frase escrita no rodapé da foto presentificava a mera intenção de uma fruição do belo clássico, remetendo ao ato de criar: “A arte é alguma coisa a mais do que um ato autocomplacente?” (*Is art something more than a self-complacent act?*).

Theodoros Papadimitriou é seu nome completo, mas sempre se apresentou como apenas Theodoros,



Fig. 1
O bastão, forma de referência, em detalhe de uma das obras.
Foto: Sandra Ramalho

nome tipicamente grego, embora haja Theodoros em outros países, a exemplo de Theodore Roosevelt, 26º presidente dos Estados Unidos. Afinal, Theo é Deus, em grego. Theodoros então significa algo como “presente de Deus” ou “dádiva divina”. Theodoros nasceu em 1931, no interior da Grécia, e expirou em Atenas, em 2018.

Estudou na Escola de Belas Artes de Atenas, na tradicional École Supérieure de Beaux-Arts em Paris, além da Academia do Fogo, onde aprendeu a trabalhar com metais. Depois de participações em galerias renomadas da Grécia, lecionou na California State University e na Universidade de Arquitetura de Atenas, onde ensinou Artes Visuais, até 1998. Expôs em diversos países e, ao desaparecer, legou ao National Museum of Contemporary Art Athens seu estúdio e 110 trabalhos.

A exposição que tive a oportunidade de visitar está em exibição desde fevereiro de 2025 até fevereiro de 2006 e apresenta parte da coleção doada. Ele é considerado um pioneiro da arte contemporânea, pois seu



Fig. 2
Theodoros e seu
bastão, elemento
onipresente na mostra,
inclusive figurando em
uma serie de fotos,
dentre outras, esta.
Foto de Sandra Ramalho

projeto foi dinamizar a escultura em um período histórico dominado pela pintura e pela comunicação visual, segundo seus organizadores. Assim, realizou performances, trabalhos conceituais e até esculturas sonoras. Destacou o papel social e político dos artistas, ocupando uma importante presença na mídia, incluindo jornais, rádio e televisão.

Como, então, a ideia de ainda sermos os mesmos me assolou, ao sair de uma exposição tão cuidadosa, de um artista tão potente, em uma mostra retrospectiva (ou fazendo as vezes de uma retrospectiva, conforme seu título, o qual denota também prudência em relação a ela)?

Se o meu intuito era absorver mais, num segundo recorrido pelas salas, ative-me à sequência de várias páginas colocadas na parede à esquerda de quem entrava, ficando atrás de uma obra gigantesca, que atraía primeiramente a atenção. Eram aquelas páginas mencionadas antes, a maioria preenchida com textos com letras minúsculas e espaço mínimo entre as linhas. Mas

dispus-me ao que se poderia supor, fosse uma complementação do que era apresentado. Foi então que me surpreendi.

Em uma das páginas afixadas na parede, logo no início da primeira sala, estava uma quase totalmente em branco, exceto por quatro linhas que formavam uma margem; dentro da margem, tudo em branco, pois a margem fora delineada sobre o papel, branco. “Quadrado branco sobre fundo branco”, *again?* Não; o que lhe conferia sentido era o pequeno texto manuscrito, como se fosse um recado ou orientações para quem fosse fazer uso da ideia, escrito(s) na margem direita (em grego e em inglês). E uma flexa que conduzia o olhar dessas anotações para o centro do retângulo branco. Em tradução nossa, do inglês: “Texto de 1.500 palavras assinado por um renomado crítico de arte ou outra pessoa...” (*Text of 1.500 words signed by a well known art critic or someone else...*). Ele não escreveu, mas fica implícito, “outra pessoa qualquer”, ainda mais que deixou as reticências.

O que pensar disto? É a praxe, um texto de apresentação de uma mostra de arte. Mas há quanto tempo esta praxe é vigente? Cabe praxe em uma exposição de arte contemporânea? Eis a primeira ironia. Depois, 1.500 palavras? Também não é a praxe (este texto mesmo pode de 8.000 a 15.000 caracteres)? Ou seja, o mais importante não é o conteúdo, o qualitativo, mas o quantitativo? Por último, a partir de tão poucas palavras, supostamente despretensiosas, podemos ter muito o que pensar. Ele também dizia: “texto assinado por um notável da crítica de arte ou outra pessoa [...]”. Outra pessoa... Quer dizer que pouco importa a autoridade de quem apresenta uma mostra?

Na página seguinte (Fig. 4), o que se vê? Com idêntica linguagem e estratégia, outra página, contendo, no canto direito, um espaço quadrado apenas e a indicação de que é o local para colocar a foto do artista. E abaixo, em retângulo delimitado por uma margem encimado pelo nome do artista, THEODOROS, a página contém, na margem inferior, a indicação de que o espaço é destinado ao

curriculum vitae do artista. E ele exemplifica: “estudos, exposições, shows, prêmios etc.”.

Trata-se de uma reiteração da crítica colocada na página anterior: a praxe. Mas nesta exposição não havia nem folder nem catálogo contendo esses dados; mas havia a praxe: o tal texto de parede apresentando a mostra. Do mesmo modo, no site do museu: lá estão a crítica (não contei o número de palavras), subscrita pelo curador, Stamatis Schizakis, e a biografia do artista. Sua foto convencional não está, mas sim a reprodução de vários autorretratos de corpo inteiro (Fig. 5), como a descrita e apresentada anteriormente.

Fiquei me questionando: por que ninguém pensou nisto antes? Somos tão ciosos de nos afinar com a contemporaneidade da arte do nosso tempo, tão preconceituosos com relação à contemporaneidade de outrem, a tudo que pareça destituído de crítica, a tudo que remeta a formas desguarnecidas de uma profunda reflexão teórica, tudo que prescindia de uma crítica gabaritada

Fig. 3.
Página em branco com
uma anotação
de próprio punho,
onde o artista
ironiza texto crítico
de apresentação de
exposições, pela
limitação do número de
palavras e pela autoria
deu renomado crítico
ou de outra pessoa.
Foto: Sandra Ramalho

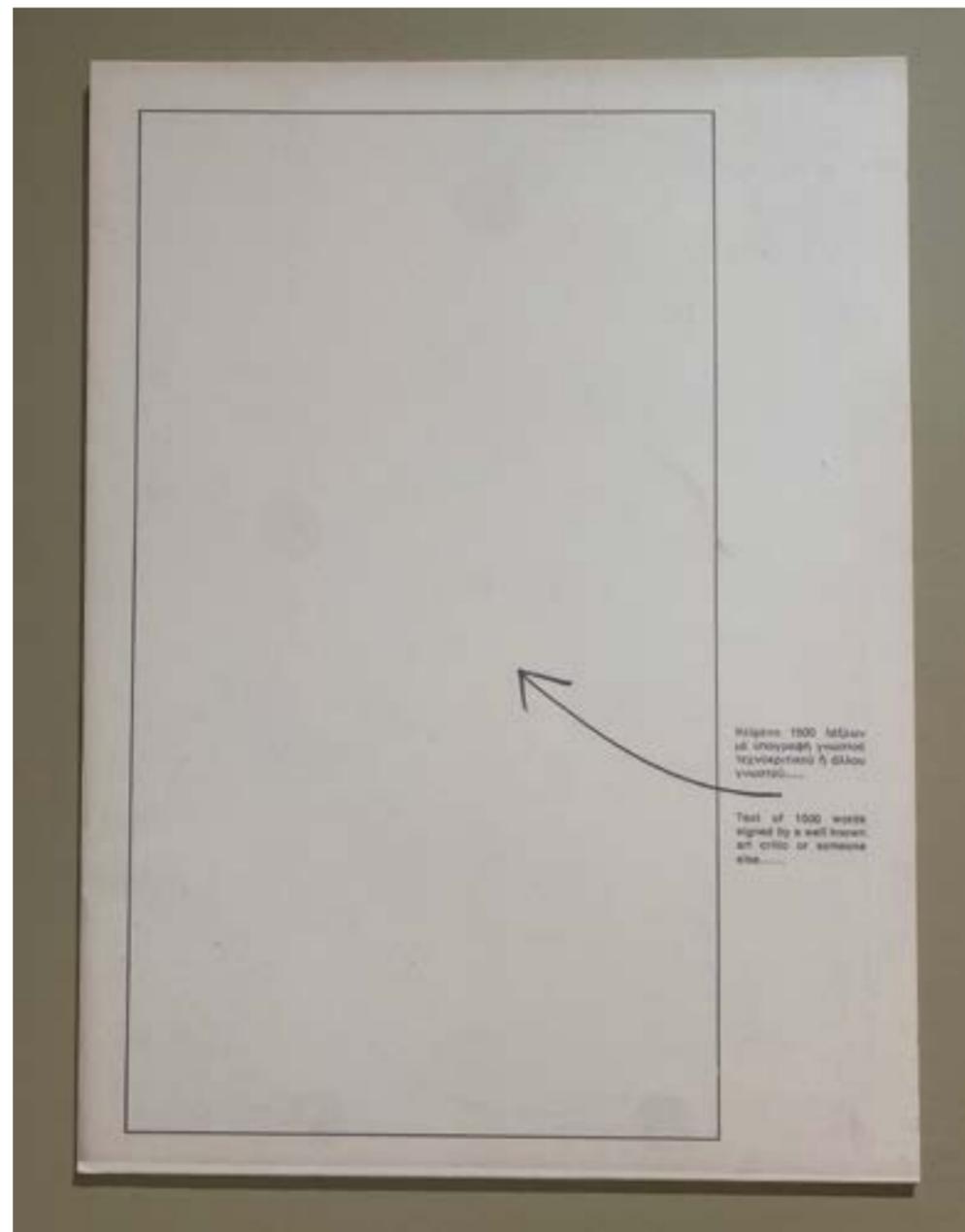
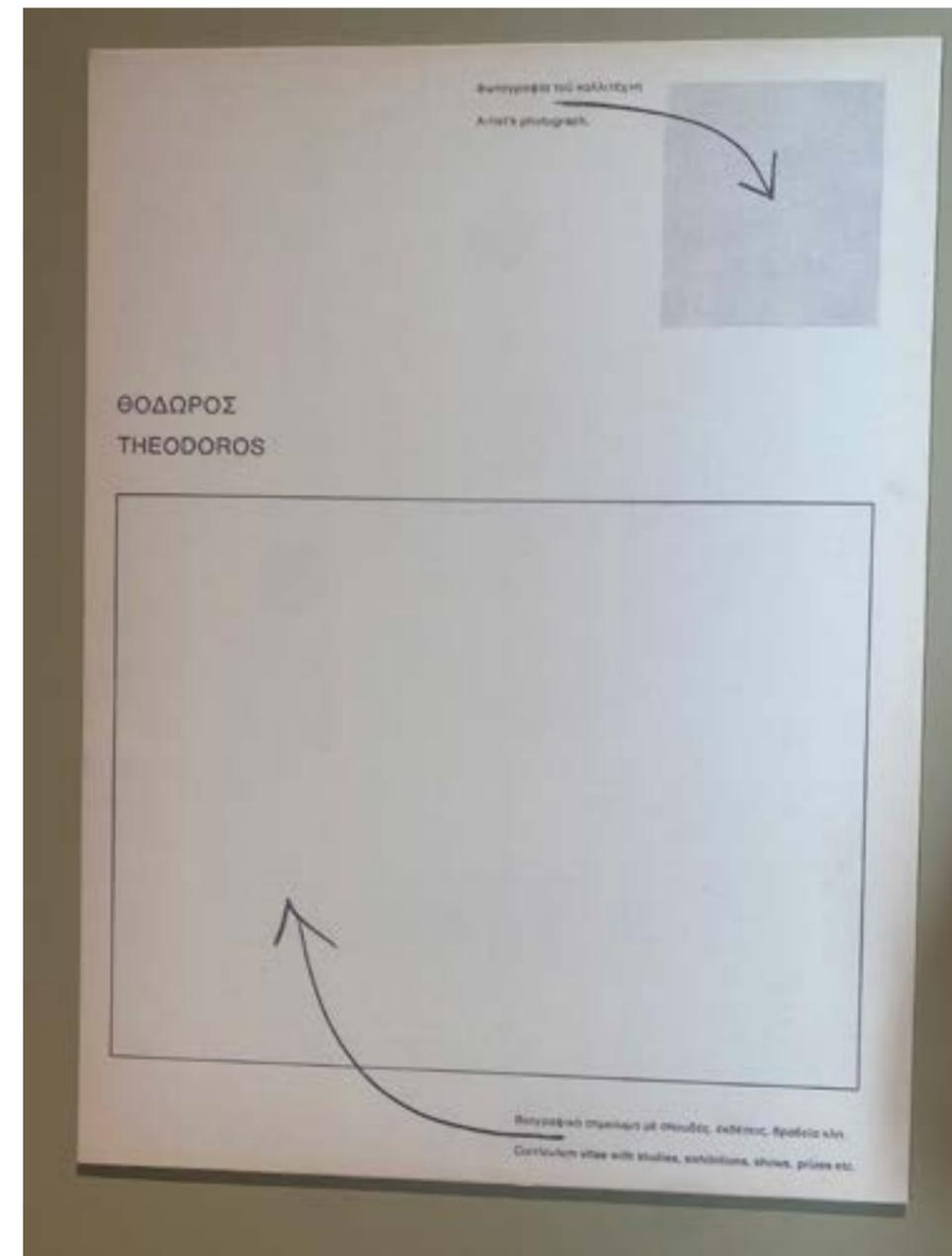


Fig. 4.
Na mesma linha da
imagem anterior,
em dois espaços
em branco,
Theodoros assinala
a praxe: um espaço
para a foto do
artista expositor
e outro para a sua
biografia, citando
o tipo de feitos
costumeiros. Foto:
Sandra Ramalho



ou de qualquer outra pessoa (“*someone else*”), tudo isto, se na apresentação de uma mostra de um artista pioneiro em linguagens contemporâneas, no museu nacional de arte contemporânea do seu país, ele mesmo denunciando o conservadorismo da praxe da abertura de exposições, mesmo sendo omitido no edifício do museu, ainda assim no site, também linguagem contemporânea, as abordagens que ele critica são repetidas? E em todos os museus, galerias, espaços culturais tantos, nos mais diversos países, por quanto tempo ainda vamos continuar começando uma mostra com o aval de alguém “respeitado? E depois, a foto do artista e sua biografia, como se fosse um documento, uma garantia do que vai ser apreciado? E, mesmo que se usassem esses dados, será que eles têm que seguir um modelo nada contemporâneo, uma mera praxe? Não se percebe este modelo como totalmente antagônico à arte contemporânea?

Ou seja, com tantos esforços para com a adesão, difusão e estímulo ao contemporâneo, quanto ao formalismo das exposições de arte, “ainda somos os mesmos (e vivemos como nossos pais)?”



Fig. 5. Em série de fotos, auto-retratos em diversas poses, destacando-se o que estamos chamando de bastão, e uma sugestiva onde esconde com um chapéu seu órgão sexual. THEODOROS, SCULPTOR: IN LIEU OF A RETROSPECTIVE - EMST (em 3 de março de 2025)

SANDRA RAMALHO E OLIVEIRA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 1998), tem pós-doutorado na França, em Semiótica Visual. Na UDESC, foi diretora geral do CEART, de Pesquisa e Extensão, coordenadora da Graduação e da Pós-Graduação em Artes Visuais e pró-reitora de Ensino. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina e da Comissão Municipal de Arte Pública. Entre autorias, coautorias, organizações e co-organizações, tem mais de trinta títulos de livros publicados, além de incontáveis artigos. Foi presidente da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), é membro da AICA, da ABCA e das Associações Nacionais e Internacionais de Semiótica.